



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: UMA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE CONSCIENTIZAÇÃO**

Mayara Viviane Silva de Sousa (1); Lavínia Maria Silva Queiroz (2).

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e-mail: mayara.sousa0@hotmail.com (1); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e-mail: laviniamsq@hotmail.com (2).*

### **RESUMO**

O artigo objetiva apresentar um estudo sobre uma análise da educação como uma ferramenta para conscientização dos indivíduos, usando como embasamento principal o livro *Pedagogia do Oprimido*, do autor Paulo Freire. À vista disso, buscamos realizar uma pesquisa bibliográfica em obras de Freire e outros diversos autores, que se assemelham em suas percepções quanto ao tema, para um melhor aprofundamento das ideias. A pesquisa iniciou seu percurso com leituras e estudos de conceitos considerados fundamentais para o desdobramento do tema, como as concepções de opressor e oprimido, educação “bancária”, a importância do diálogo para a relação educador/educando, a conscientização para o desenvolvimento do pensamento crítico, a educação libertadora, a reflexão e a ação do homem sobre o mundo. A partir das considerações Freirianas de que a educação tem o poder de mudar a reflexão e, conseqüentemente, a ação do indivíduo oprimido em sociedade, desenvolvemos a posição de que somente a conscientização pode levar ao caminho da liberdade e da mudança na realidade deste, consideramos ainda a importância do papel do docente ao instigar de seu educando sua ação-reflexão para que este processo ocorra de forma mais eficiente. Por conseguinte, compreendemos que com o estudo feito da temática é imprescindível para pensar a educação de forma diferente e inovadora, buscando melhorar o crescimento crítico tanto do educador quanto do educando.

**Palavras-chaves:** Pedagogia do oprimido; Conscientização; Educação libertadora.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo de análise surgiu a partir do interesse das alunas do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) em leituras do autor Paulo Freire, um educador brasileiro de grande influência na pedagogia crítica, este por sua vez aborda diversos assuntos associados à educação que propõe métodos dialéticos e conscientização política do indivíduo, contudo, no artigo aqui apresentado procura-se enfatizar sobre a prática de um docente e suas consequências, como também a educação com fonte de conhecimento e conscientização do ser humano livre.

A metodologia utilizada consistiu na análise de obras de Paulo Freire, e outros autores que auxiliaram na compreensão e aprofundamento nas ideias deste, no qual nos permitiram perceber que é, justamente, na práxis, que o homem toma consciência. À vista disso, pretende-se desenvolver seus conceitos nos estudos frequentes das alunas aqui apresentadas, e assim contribuir para o desenvolvimento de uma educação libertadora. A pesquisa dividiu-se em duas etapas.

A primeira etapa consistiu em uma pesquisa bibliográfica dos conceitos de Freire, através da leitura e discussão dos seus livros, destacando as obras *Pedagogia do Oprimido* e *Conscientização e Alfabetização*. A segunda fase será realizada na busca da utilização das ideias Freirianas para uma educação que leve os docentes a conscientizar seus discentes. A pesquisa está em andamento, concluindo sua primeira etapa. Vale salientar que, apesar de dividido em duas etapas, o estudo dos conceitos de Freire não se encerra, constituindo um processo de contínua aprendizagem mesmo no segundo momento da pesquisa.



## 2. A Opressão e Desumanização do indivíduo oprimido

Sempre buscando levar a pedagogia para o caminho da educação humanizadora, Paulo Freire enfatiza a importância de uma práxis em sala de aula que leve o educando a desenvolver o seu senso crítico sobre a realidade em que ele vive. Para Freire a educação é a forma de libertar o indivíduo oprimido, dando a este a oportunidade de reflexão de modo que estimule sua consciência crítica.

Ao pensar nas figuras de opressor e oprimido, prontamente agregamos a este o conceito de desumanização como perder a natureza humana, neste aspecto observamos que quando o opressor desempenha esta atividade, nota-se que o mesmo perde sua racionalidade por agir desta maneira, percebendo ou não sua atitude o oprimido é desconsiderado como ser humano, e passa a ser um objeto a ser oprimido indiscutivelmente por seu ditador.

“Uma mentira repetida mil vezes, torna-se verdade.” (MOORE, 2003, p. 63), a partir dessa afirmação é possível compreender que o opressor quando pratica as mesmas ações várias vezes estas acabam se tornando habituais ao indivíduo que sofre a opressão e fazem com que este não considere mais o ato como uma desumanização, o que preocupa a sociedade e a todos aos quais ainda não chegaram a aceitação do sistema. FREIRE (1987, p. 20) enfatiza que somente o próprio oprimido pode “libertar-se a si e aos opressores.” e este oprimido que não aceita a repressão e quer libertar-se é a esperança nas quais temos para que possam inteirar-se do regime e passem a conscientizar os outros para que estes não se tornem oprimidos cientes e passivos, calando-se diante de situações que acabam sujeitando-se e tornando-se um oprimido ciente e inativo. É necessário fazer a massa convencer-se de que somente eles podem se libertar e esta se dará através da *pedagogia humanizadora*.

A Educação se manifesta opressora em diversos períodos históricos brasileiros, inicialmente na aculturação dos índios de forma ditatorial tirando-os de sua gênese e colocando-os a mercê dos costumes jesuítas, até mesmo depois chegada da Coroa Portuguesa ao Brasil onde emergiu a formação de profissionais e que os educadores tiveram uma construção profissional para a docência, ainda assim, a educação continua com a característica opressora que veio propagando-se no decorrer dos séculos, e ainda na contemporaneidade encontramos professores opressores, que não tem uma visão humanista do aluno, apenas tecnicista e sistematizadora. Ao analisar a relação da educação nas escolas afirmam-se ainda mais as posições do sujeito opressor e sujeito oprimido, como, respectivamente, professor e aluno, o docente se torna responsável por transmitir o conhecimento, enquanto a criança escuta, obedece e concretiza aquilo que o opressor impõe, e assim se dá a concepção de que aquele que mais consegue decorar o conteúdo exposto





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

em sala de aula é o melhor receptor. Ao que se vê nas narrações como meio de educar o oprimido, dar-se então a decoração de palavras vazias sem significado algum, fora de sua totalidade como algo que deve ser aprendido e sempre fixa em sua memória. Podemos observar que:

Uma das dificuldades que observamos ao ensinar uma criança a ler é que grande parte do material utilizado não é *significativo* para a criança. Conseqüentemente, as palavras componentes não formam proposições significativas para elas, o que impede uma *compreensão* das frases ou sentenças através de seus processos cognitivos habituais. Ao tentar preparar materiais de leitura considerados ‘ fáceis’ para o principiante, produzimos materiais essencialmente sem sentido que anulam o poder da aprendizagem significativa e da percepção, como um instrumento que desvenda o código impresso. Grifos do original. (AUSUBEL, 1980, p.53)

Desta forma, o discente não interpreta o que lê apenas codifica as letras ali visualizadas, e os professores da educação bancária compreende que estes leitores estão cheios de conhecimento. De acordo com FREIRE (1987, p. 37):

“[...] A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. [...]”

A esta situação conclui-se sempre que o opressor busca se tornar cada vez mais dominador do saber, já o oprimido é sempre incapaz de emancipar-se ao nível do professor, esta dependência sem mudanças visualiza uma educação estática independente do tempo. E para que ocorra esta transformação, o oprimido precisa ser consciente de que: “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros [...]” (FREIRE, 1987, p.38).

O homem passa a ser espectador do que se acontece no mundo e não agentes transformadores com o mundo e os educadores estão a todo tempo controlando o pensar e o agir do indivíduo para que esse não possa ser sujeito transformador. Sugere-se então a educação problematizadora, que propõe o homem como ser consciente, é contrária à educação bancária que sugere o homem vazio. A primeira valoriza o intelectual e os aprendizados adquiridos pelo homem antes mesmo de se submeter a sistemas educacionais, e ainda educando os indivíduos para uma reflexão livre de suas praticas. Desta maneira não seria possível anular as classes existentes e por isso é o que educador e o educando passam a ter papéis simultâneos. “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...]” (FREIRE, 1987, p.44).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O homem não pode ser desconsiderado pela educação, e, portanto se ele não pode ser esquecido entende-se que a sua história e saberes culturais são validos na ação educativa, mas na educação bancaria estes elementos são ignorados e são considerados animas ou coisas nas quais não possuem cultura, costumes e hábitos que lhes fazem transformadores do mundo e com o mundo escritores da sua história. O que aqui deve ser enfatizado é que a prática problematizadora entende e parte da concepção que os indivíduos são seres históricos e que ao chegarem à instituição de ensino estes sejam analisados como problema, questionando-os, compreendendo-os e fazendo com que o aluno seja sujeito ativo, crítico e reflexivo da sua própria vida educacional.

### **3. A “Dialogicidade” em Freire – A importância do diálogo para uma Educação Libertadora**

FREIRE (1987) destaca a importância do diálogo para o processo educativo, trazendo como uma solução para que não haja a educação bancária, e para que o indivíduo possa Ser Mais, pois através deste implicará um pensamento crítico. Desta forma, compreendemos que só pode haver diálogo se houver o uso das palavras, estas palavras verdadeiras, como destaca o autor, são práxis, portanto, elas são uma ferramenta para transformar o mundo, pois é constituída de ação e reflexão. Para ele é imprescindível que ocorra a reflexão anteriormente a ação, para que possa haver uma mudança na realidade em que se vive. Outros autores destacam a importância da palavra, pois somente através dela o homem passar a pensar de forma diferente, e, portanto, agir diferente, como VYGOTSKY (1993) afirma: “O pensamento nasce através das palavras e [...] uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. [...]” (p.104).

FREIRE (1987) está constantemente ressaltando em suas obras que para que o diálogo ocorra é necessário união entre as pessoas, acima disso, que haja amor entre as pessoas, amor ao mundo, amor pela necessidade do outro, amor pelo oprimido, amor por aquele que não adquiriu consciência crítica. Disso se retira o fato de por que o diálogo não pode ocorrer entre opressor e oprimido, em uma relação de dominação, já que o oprimido acaba sendo visto apenas como “coisa” para o opressor e não como uma pessoa que precisa desenvolver a sua reflexão e pensamento de mundo, como já afirmamos anteriormente.

“[...] Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não, porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. [...]” (FREIRE, 1987, p. 51).

Na educação FREIRE (1987) utilizava de um método na dialogicidade que é descobrir ‘temas geradores’ dos oprimidos para trabalhar sobre eles, entendendo o universo daqueles no qual ele buscava alfabetizar e levando-os a aprenderem e tomarem consciência de forma mais simples, de acordo com sua realidade, fazendo assim com que estes saíssem da posição de oprimidos. De acordo com FREIRE (1987, p. 61), “[...] a investigação do “tema gerador”, [...] se realizada por meio de uma metodologia conscientizadora, além de nos possibilitar sua apreensão, insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo. [...]”.

Concluimos através da teoria de dialogicidade de Paulo Freire que para que haja um verdadeiro diálogo na educação, e para que este possa possibilitar o aprendizado, se torna fundamental que o educador esteja preocupado com a realidade vivida pelo seu educando, se torna imprescindível que o educador busque conhecer mais sobre seu aluno para que possa desenvolver uma educação que atinja a este, sem tentar impor sua própria visão de mundo no outro, porém buscando dialogar e levá-lo a reflexão de seu mundo. Não é possível praticar uma educação que leve a libertação dos indivíduos oprimidos se nesta os conteúdos programáticos forem mais importantes que a própria visão de mundo adquirida pelo educando, a partir de seu contexto social e cultural. Freire mostra uma visão diferente sobre educação, que foge totalmente de uma Pedagogia Tradicional, aqui o importante é construir uma educação através da dialogicidade, dando oportunidade para que o educando também possa se expressar livremente.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

#### 4. A Conscientização

A conscientização gera nos homens uma reflexão crítica, estes passam a se aproximarem da realidade do mundo em que vivem e enxergá-la verdadeiramente, isso acarreta a levá-los a agir sobre sua realidade. Na interpretação de conscientização de acordo com os escritos de Paulo Freire, para o homem chegar a este estágio ele precisa desprender-se de si e do mundo para então encontrar uma reflexão da realidade histórica vivida pelo homem e assim poder pensar esta de forma crítica.

“A conscientização é isto: *apossar-se da realidade*; por essa razão e por causa do enraizamento utópico que a informa, é um *rompimento da realidade*. A conscientização produz a *desmistificação*. [...] a conscientização é a abordagem da realidade mais crítica possível, desvelando-a para conhecê-la, e para conhecer os mitos que enganam e ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. [...]”. (FREIRE, 2016, p. 60, grifos nossos).

É necessário compreender que em uma sociedade onde a superestrutura é determinada pela classe economicamente dominante a escola tem um papel ideológico opressor, que leva aos sujeitos oprimidos a serem apenas “depósitos” vazios para que o professor possa preenchê-los com conteúdos sem sentido e separados da realidade do aluno, o professor é o detentor de todo o conhecimento e o aluno aprende apenas a receber passivamente, obedecer e repetir, impossibilitando que estes construam um pensamento crítico sobre sua realidade. Uma educação conscientizadora é a ferramenta que pode levar os homens a uma libertação, por levar os indivíduos a desenvolverem consciência crítica e se contraporem ao sistema estabelecido pela burguesia. FREIRE (2016) exemplifica que esta educação “[...] tem como fundamento a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeira sobre a realidade [...]” (p. 133).

A conscientização é um processo, que leva tempo para ocorrer e que deve levar o educando a entender que não existe uma realidade ‘pronta’, que tudo pode ser modificado, de acordo com sua práxis e sua ação-reflexão. Por isso, é imprescindível uma educação de mudanças, e não de estabilidade, que leve o educando ao desenvolvimento de sua criatividade, para que este possa ter a certeza de que tem capacidade para pensar e saber. De acordo com o pensamento de FREIRE (2016), só é possível sair de uma consciência ingênua para uma consciência crítica através do processo educativo, por esse motivo a conscientização e a educação devem estar juntas, onde uma complementa a outra. A conscientização leva os indivíduos oprimidos à transformação, tanto de seu ideológico quanto das suas ações, ao en-



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

xergarem a sua posição de oprimidos como algo inaceitável, passam a compreender que podem agir sobre sua realidade e buscarem a mudança.

“[...] A educação crítica considera os homens como seres em *transformação*, como seres *inacabados*, *incompletos*, em uma realidade, e com uma realidade igualmente inacabada. Ao contrário de outros animais, também inacabados, mas que não são históricos, os homens sabem que estão inacabados. Têm *consciência de seu inacabamento* e, nesse inacabamento, bem como na consciência que têm dele, encontram-se as próprias raízes da educação como fenômeno puramente humano. [...]” (FREIRE, 2016, p. 133-134, grifos nossos).

Por tanto, isto nos leva a identificar a importância do educador na conscientização dos indivíduos. Compreendemos que é um dever do docente instigar de seu educando sua ação-reflexão, evitando manipulá-lo a decorar conteúdos “prontos” e incentivando-o a questionar sobre o seu conhecimento de mundo. Que o educador possa retirar sua imagem de único detentor de todo conhecimento e dê espaço para que seus educandos possam refletir, possibilitando então um aprendizado mútuo, que leve a inquietação e ao questionamento constante de ambas as partes.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exploração dos conceitos de Paulo Freire nos trouxe uma interpretação mais ampla do que se pode observar em uma primeira análise, o que possibilita uma melhor apreensão do conhecimento permeado pelo autor em suas obras, em especial Pedagogia do Oprimido.

A produção deste artigo nos ofertou um novo horizonte e novos olhares para a prática da educação, com isso na segunda fase da pesquisa teremos uma instrução teórica de qualidade, e seguindo os conceitos do autor em destaque, espera-se que tenhamos uma prática de bom proveito exploratório e uma experiência que possa despertar em outros educadores uma renovação de sua práxis e uma inovação didática.

A pesquisa continua em sua segunda etapa no segundo semestre com a análise e a exploração da práxis pedagógica sob a luz das teorias de Paulo Freire. No entanto, isso não significa que se encerra o estudo de suas obras, podendo ter continuidade na etapa seguinte.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Conscientização/Paulo Freire; tradução de Tiago José Risi Leme**. São Paulo: Cortez, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 29ª edição, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 30ª edição 2004.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- AUSUBEL, David; NOVAK, Joseph; HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. 1. Ed. NewYork: Holt, Rinehart & Winston, 1980.
- MORRETTI, Juliana Aparecida. **A dialogicidade de Freire na construção do diálogo igualitário e suas relações com os princípios da Aprendizagem Dialógica**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: 1964. Ed. Forense Universitária.
- PIMENTEL, Maria Aparecida Macedo. **A Pedagogia do oprimido: uma proposta pedagógica atual? Ou utopia do passado?.** Faculdade Ernesto Riscalí, Olímpia, 2009.
- VYGOTSKI, Lev. **Obras escogidas – tomo II**. Visor, Madri, 1993.
- VIOTTO FILHO, Irineu A. Tuim; PONCE, Rosane de Fátima; ALMEIDA, Sandro Henrique Viera. **As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola**. Psicologia da Educação, São Paulo, 29, 2º sem. 2009, p. 38-47.
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.
- Damo, Veleda Moura y Gauterio Cruz: **Conscientização em Paulo Freire: consciência, transformação e liberdade, en Contribuciones a las Ciencias Sociales**, enero 2011.
- MOORE, Mike. **A World Without Walls: Freedom, Development, Free Trade and Global Governance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.